

REPERCUSSÕES DA QUALIDADE CONJUGAL E DA REDE SOCIOAFETIVA NO PROCESSO DE LUTO DECORRENTE DA PERDA DO PARCEIRO ÍNTIMO POR COVID-19

MANOELA KAUL¹; NICOLLE BRETOS LOPES²; TARCIS MURILO SARTOR³;
LETÍCIA MACEDO GABARRA⁴; BEATRIZ SCHMIDT⁵.

¹Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – kaulmanoela@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – nicolleblopess@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) – tarcis.sartor@gmail.com

⁴Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago (HU-UFSC) – leticiaqabarra@gmail.com

⁵Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – beatriz@furg.br

1. INTRODUÇÃO

Os impactos da pandemia de COVID-19 têm se mostrado devastadores em muitos países, especialmente ao considerar o elevado número de óbitos registrados em decorrência da doença (ACOSTA, 2023). O Brasil, lastimavelmente, é uma das nações mais afetadas pela pandemia em todo o mundo, tendo registrado aproximadamente 705 mil óbitos até o final de agosto de 2023 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2023). Dessa forma, um número expressivo de famílias brasileiras experienciou nos últimos anos, ou está experienciando atualmente, luto em decorrência da perda de um ou mais de seus familiares por COVID-19.

O luto é um processo de ajuste frente às perdas, que repercute em aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais, trazendo complexidades que são vivenciadas de forma particular por cada indivíduo e/ou família (GIRE, 2014; WORDEN, 2018). Dentre os fatores que podem influenciar a experiência de luto, destaca-se a relação estabelecida entre o enlutado e o ente querido falecido, bem como com a rede socioafetiva (WORDEN, 2018). A perda do cônjuge, por exemplo, caracteriza-se como um evento estressor que implica não somente a reorganização do modo de vida e dos planos para o futuro por parte do parceiro sobrevivente, como também a reestruturação de todo o sistema familiar, podendo, dessa forma, trazer desdobramentos mais profundos em comparação a outras perdas (JIAO et al., 2021).

A depender da natureza do vínculo estabelecido com o cônjuge, os desfechos do luto podem se apresentar de maneiras bastante distintas. A literatura sobre a temática sugere que a viuvez se associa a repercussões potencialmente negativas para a saúde física e mental do parceiro sobrevivente (ENNIS; MAJID, 2019). Ademais, a qualidade da relação conjugal antes da morte reflete nos pensamentos e sentimentos sobre o relacionamento depois da morte (JONES et al., 2018). Além disso, a viuvez de adultos jovens, em especial, é uma experiência única, que tem recebido pouco aprofundamento da comunidade acadêmica (JONES et al., 2018), notadamente no Brasil. Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é investigar as repercussões da qualidade conjugal e da relação com a rede socioafetiva no processo de luto decorrente da perda do parceiro íntimo por COVID-19.

2. METODOLOGIA

Este trabalho integra um projeto mais abrangente, intitulado “Perdas, Luto e Resiliência na Pandemia de COVID-19: Um Estudo Qualitativo” (PLR-COVID-19), o qual foi aprovado pelo CEP-FURG (CAAE: 57299222.3.0000.5324; parecer 5.423.515) e, atualmente, encontra-se em fase de coleta de dados. Para investigar as repercussões da qualidade conjugal e da relação com a rede socioafetiva no processo de luto decorrente da perda do parceiro íntimo por COVID-19, conduziu-se um estudo de casos múltiplos (STAKE, 2005), qualitativo e transversal. Foram selecionadas duas participantes do projeto PLR-COVID-19, as quais sofreram a perda do cônjuge: Jasmin¹ (44 anos) e Íris (37 anos). A coleta de dados foi realizada individualmente, de forma remota, por um dos autores deste trabalho, utilizando a plataforma Zoom. Foram aplicados os seguintes instrumentos: *Ficha de Dados Sociodemográficos* e *Entrevista sobre Perda, Luto e Resiliência na Pandemia de COVID-19* (120 minutos de duração, em média). A definição do número de participantes ocorreu por conveniência, considerando as especificidades dos casos e, principalmente, a oportunidade de aprender a partir deles (STAKE, 2005). Após transcritas, as entrevistas passaram por análise temática indutiva, considerando as seis fases propostas por Braun e Clarke (2023). Os temas levantados foram investigados a partir das repercussões no processo de luto do cônjuge sobrevivente: *qualidade da relação conjugal* e *qualidade da relação com a rede socioafetiva*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nessa seção, apresenta-se a caracterização geral de cada um dos casos, bem como trechos das narrativas das participantes que ilustram os temas levantados indutivamente no processo de análise de dados. Na sequência, esses achados são discutidos à luz da literatura atinente à temática.

Até a pandemia, Jasmin residia com a filha adolescente e o esposo, com quem mantinha união conjugal há mais de 20 anos. No momento da coleta de dados (junho/2023), seu cônjuge havia falecido há aproximadamente dois anos. Jasmin destacou a boa qualidade da relação conjugal: “*A pessoa faz muita falta quando ela é uma pessoa que era muito teu companheiro, que era teu braço direito*”. Nesse contexto, referiu que, apesar de desafiador, passou por um processo de adaptação à (nova) vida, sem a presença do cônjuge: “*Não me sinto em luto (...) Eu compreendi tudo o que aconteceu comigo, aceitei tudo o que aconteceu comigo, ajustei toda a minha vida. Minha vida entrou no eixo de novo*”. O relato da participante se alinha a achados da literatura que sugerem que a ressignificação da perda é favorecida em relações conjugais consideradas satisfatórias (JONES et al., 2018).

Jasmin sempre manteve uma boa relação com sua família de origem, com apoio mútuo frente às adversidades. Ela destacou como foi significativa a presença dessa rede socioafetiva, seja física ou virtualmente, quando o esposo estava internado. Naquele momento, em particular, a relação com a família do esposo também se mostrou forte e importante: “*A família tanto do lado dele, quanto do meu lado, tinha grupo [no aplicativo WhatsApp] (...) colocava lá diariamente o boletim, o povo todo me dava apoio, dizia: ‘Ele vai sair dessa, ele vai sair dessa’*”. Como o luto consiste em um fenômeno social, compartilhar a perda com a rede socioafetiva e receber apoio, tanto da família nuclear quanto da extensa, mostra-se importante nesse processo (ENNIS, MAJID, 2021; WORDEN, 2018).

¹ Para preservar o sigilo e a privacidade das participantes, serão apresentados nomes fictícios. Da mesma forma, informações sensíveis ou que possam identificá-las também serão suprimidas.

Íris, por sua vez, mantinha união conjugal há mais de 9 anos quando ocorreu o óbito do esposo, o qual havia falecido há aproximadamente dois anos quando a entrevista foi realizada (julho/2023). Íris e o cônjuge moravam em um outro país da América do Sul e passaram a residir no Brasil durante a pandemia. Segundo a participante, eles mantinham uma relação conjugal de boa qualidade: *“A gente tinha um relacionamento muito bom entre a gente, de muita parceria”*. No entanto, diferentemente de Jasmin, Íris ainda se percebia em processo de adaptação: *“São constantes altos e baixos (...) Eu estou vivendo o luto e estou tentando amenizar algumas dores”*. Esse dado corrobora os achados de Chen e Tang (2021), no sentido de que a morte do cônjuge pode ser particularmente desafiadora, por se associar à perda do apoio e do compartilhamento dos desafios da vida cotidiana: *“Ele me dava muita segurança, assim, de que as coisas iam dar certo (...) Isso pra mim acabava sendo uma bússola (...) Todas as áreas da minha vida eu acabei ficando, assim, com esse sentimento mesmo, de me sentir sem rumo”*.

A relação de Íris com sua família antes do falecimento do esposo era amigável. Contudo, após a perda, a participante apontou distanciamento: *“Eles trazem alguns gatilhos quando eu estou com todos. É como se eu tivesse completamente perdida, como se eu não fosse dali, daquele lugar. Não consigo me identificar sendo parte (...) Estar com eles me faz sentir mais sozinha”*. No processo de luto, expressar sentimentos e pensamentos é muito importante (WORDEN 2018). Contudo, a vivência do luto pela perda conjugal se mostra particular nesse aspecto, pois a família extensa, como destacado por Íris, nem sempre será fonte de conforto. Isso pode estar associado a outros achados da literatura, os quais sugerem que a percepção do cônjuge enlutado sobre a falta de compreensão acerca da profundidade da sua dor resulta no seu afastamento emocional da rede socioafetiva (JONES et al., 2018). Por outro lado, a relação com a família do esposo ficou fortalecida: *“Me sinto mais acolhida ali. É engraçado isso, mas eu me sinto mais acolhida porque, a dor, eles sentem também”*. Desse modo, é possível que Íris se sinta relativamente mais próxima da família de seu esposo, pois há o compartilhamento de emoções e experiências relativas à perda, visto que o processo de luto pela morte do ente querido é comungado mais fortemente entre eles (JONES et al., 2018; WORDEN 2018).

4. CONCLUSÕES

O presente estudo investigou as repercussões da qualidade conjugal e da relação com a rede socioafetiva no processo de luto decorrente da perda do parceiro íntimo por COVID-19. Embora tenham sido analisados unicamente dois casos, a maioria dos estudos sobre a temática se concentra nas experiências de viuvez entre idosos, estágio do ciclo de vida em que a morte pode ser considerada um estressor normativo. Em contrapartida, este estudo investigou a viuvez entre mulheres adultas, que passaram por perdas abruptas e inesperadas, decorrentes da infecção do parceiro íntimo por COVID-19. Ademais, enquanto a literatura explora notadamente o processo de luto em nível individual, este estudo enfatizou o sistema familiar, de modo mais amplo, ao incluir a relação com a rede socioafetiva, para além da relação conjugal. Assim, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas com amostras mais abrangentes, considerando o processo de luto com base na noção de experiência coletiva. Entende-se que, assim, é possível oferecer subsídios a propostas de cuidados a pessoas enlutadas no contexto da COVID-19 e, potencialmente, de outras epidemias/pandemias futuras.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, E. Global estimates of excess deaths from COVID-19. **Nature**, v. 613, p. 31-33. 2023.
- BRAUN, V., CLARKE, V. **Doing Reflexive Thematic Analysis. In: Supporting Research in Counselling and Psychotherapy: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Research.** Cham: Springer International Publishing, 2023.
- CHEN, C., & TANG, S. Profiles of grief, post-traumatic stress, and post-traumatic growth among people bereaved due to COVID-19. **European Journal of Psychotraumatology**, v.12, n.1, 2021.
- ENNIS, J., & MAJID, U. “Death from a broken heart”: A systematic review of the relationship between spousal bereavement and physical and physiological health outcomes. **Death Studies**, v. 45, n.7, p. 538–551, 2021.
- GIRE, J. How death imitates life: cultural influences on conceptions of death and dying. **Online Readings In Psychology And Culture**, v. 6, n. 2, p. 1-22, 2014.
- JIAO, K., CHOW, A., & CHEN, C. Dyadic Relationships between a Surviving Parent and Children in Widowed Families: A Systematic Scoping Review. **Family Process**, v. 60, n. 3, p. 888-903, 2021.
- JONES, E. et al. Lived experience of young widowed individuals: A qualitative study. **Death Studies**, v. 43, n.3, p. 183-192, 2018.
- SCHMIDT, B. et al. Perda, Luto e Resiliência na Pandemia de COVID-19: Implicações para a Prática com Famílias. **Pensando Famílias**, v. 26, 2022.
- STAKE, R. E. **Multiple case study analysis.** Guilford Press, 2005.
- WORDEN, J. W. **Grief counseling and Grief Therapy: a handbook for the mental health practitioner.** New York: Springer Publishing Company, 2018.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. 2023. Acessado em 9 set. 2023. Online. Disponível em: <https://covid19.who.int/>